

A FRATERNIDADE DA IGREJA DE TESSALÔNICA COMO RESISTÊNCIA À VIDA SOCIAL NO IMPÉRIO (1 TESSALONICENSES 1,1-10)

Fabrizio Zandonadi Catenassi*
Ildo Perondi**

Resumo

O presente artigo analisa o início da Primeira Carta aos Tessalonicenses (1Ts 1,1-10), na ótica da libertação. A carta entrevê uma comunidade pobre, que busca caminhos de libertação pelo direito e pela justiça. Ela procura pôr em prática o verdadeiro conceito de justiça, conforme a proposta de Jesus, fazendo-o com radicalidade, expressa em uma consistente vida fraterna. Essa nova forma de relações é uma ameaçadora mensagem de resistência a valores do império. Rompe com o conformismo que aceita passivamente as estruturas que levam à morte. Ensina a vigorosa libertação dos ídolos, feita com base em um cristianismo que transborda em novas relações e ações, que se espalham com a dynamis do Espírito, não em forma de discurso bem-elaborado, mas de testemunho bem vivido, que contagia e constrói um novo futuro. Ainda que a libertação não seja a proposta das políticas públicas imperiais, há um grande processo libertador no coração da Igreja de Tessalônica, que se dá pela fraternidade que unia os irmãos, alicerçada na fé, esperança e caridade

Palavras-chave: *1 Tessalonicenses. Fraternidade. Justiça. Resistência.*

Abstract

This article analyses the beginning of the First Letter to the Thessalonians (1Thess. 1:1-10) from the perspective of liberation. The letter envisions a poor community that seeks ways of liberation through righteousness and

* Mestre e Doutor em Teologia Bíblica pela PUCPR, Professor de Sagradas Escrituras na PUCPR (Campus Londrina).

** Mestre em Teologia Bíblica pela Universidade Urbaniana de Roma; Doutor em Teologia Bíblica pela PUC Rio; Professor de Sagradas Escrituras na Graduação e no PPGT da PUCPR.

justice. It seeks to put into practice the true concept of justice, as the proposal of Jesus, doing so with radicality, expressed in a consistent fraternal life. This new form of relationships is a threatening message of resistance to empire values. It breaks with the conformism that passively accepts the structures that lead to death. It teaches the strong liberation of idols, made based on a Christianity that overflows in new relationships and actions, which spread with the dynamism of the Spirit, not in the form of well-elaborated speech, but of well-lived testimony, which is contagious and builds a new future. Even if liberation is not the proposal of imperial public policies, it is a great liberating process in the heart of the church of Thessalonica, which takes place through the fraternity that united the brothers, founded on faith, hope and charity.

Keywords: *1 Thessalonians. Fraternity. Justice. Resistance.*

Introdução

A Primeira Carta aos Tessalonicenses é um texto importante para se ter um retrato das primeiras comunidades cristãs, já que é o documento mais antigo do Novo Testamento que retrata a vida das comunidades cristãs, escrito por Paulo no ano 51. Algumas décadas depois, o livro dos Atos dos Apóstolos ofereceria duas sumarizações do ideal de vida das primeiras comunidades cristãs (At 2,42-47; 4,32-35) em Jerusalém. As imagens de Atos serviam como eixo norteador que orientasse a vida comunitária das igrejas. Por ser mais antiga, 1 Tessalonicenses oferece, no seu início (1Ts 1,1-10), um testemunho privilegiado de como esse ideal era vivido de maneira concreta nas comunidades de fora da Palestina.

Esse retrato, mais que um ideal, mostra a história de uma comunidade que vive a fé em meio a conflitos, é um povo que sofre, submetido a uma estrutura social delicada. Os membros da comunidade se caracterizam por pertencerem a um grupo de trabalhadores dos quais lhes foi roubada a esperança de melhoras sociais, políticas, econômicas e até religiosas. Após a visita de Paulo e Silvano, a comunidade cristã de Tessalônica descobre uma alternativa para esse modelo cristalizado de vida e transforma-se em exemplo para as demais igrejas cristãs nascentes.

A carta entrevê uma comunidade pobre, que busca caminhos de libertação pelo direito e pela justiça. Procura pôr em prática o verdadeiro conceito de justiça, conforme a proposta de Jesus, fazendo-o com radicalidade (SILVA, 2017, p. 43). Essa opção de vida abriu portas para que, mesmo em meio à opressão de viver no império como um grupo marginal – estrangeiros, pobres, trabalhadores, de tradição judia, seguidores de Cristo – é possível encontrar, no caminho da fraternidade e da justiça, uma vida digna. A análise que apresentaremos de 1Ts 1,1-10¹,

1. Esse texto é uma revisão e ampliação de Catenassi (2017, p. 19-50).

na ótica da libertação, mostrará que, ainda que a libertação não seja a proposta das políticas públicas do Império Romano, há um grande processo libertador no coração da igreja de Tessalônica, que se dá pela fraternidade que unia os irmãos, alicerçada na fé, esperança e caridade.

1. A “assembleia” dos tessalonicenses entre as outras “assembleias” do império (v. 1)

v. 1 Paulo, Silvano e Timóteo à igreja dos tessalonicenses em Deus Pai e no Senhor Jesus Cristo. Graça e paz a vós.

O versículo inicial da correspondência é bastante breve. Não recorre a muitas explicações sobre a natureza da autoridade paulina ou a uma caracterização dos remetentes. Contudo, as palavras, bem escolhidas, carregam detalhes cheios de significado teológico, o que exige uma pequena divisão em nossa análise, estudando: (a) os remetentes; (b) a dimensão política e religiosa do termo “*ekklesia*”; e (c) a conexão com o Pai e o Filho.

1.1 Os remetentes da Carta manifestam a dimensão comunitária e fraterna paulina

Paulo provavelmente ditou a Carta para um redator, que pode ter sido Silvano. Contudo, as expressões muito familiares e amistosas do texto e o diálogo que se estabelece com a comunidade, abusando do “nós”, mas também refletindo o “eu” de Paulo (em 2,18; 3,5; 5,27), torna-a personalíssima (BARBAGLIO, 1989, p. 73). Entretanto, mesmo que seja valorizada essa proximidade entre o autor e os leitores, chama a atenção a Carta assinada a três mãos², por Paulo, Silvano e Timóteo.

Silvano³ é apresentado em At 15,22-32 como homem de confiança da Igreja de Jerusalém, um profeta, enviado como porta-voz da reunião em Jerusalém, feita a partir das controvérsias sobre a evangelização dos gentios. Gozava de grande prestígio na Igreja primitiva e pode testemunhar a Paulo e Barnabé o ensinamento que recebeu dos Doze, o que seria essencial para Paulo, que não conheceu Jesus. Quando Barnabé tenta levar João Marcos para a segunda viagem missionária, discute com Paulo e separa-se dele, Silvano associa-se à nova equipe evangelizadora, que viaja para a Ásia Menor, Macedônia e Acaia (At 15,40–18,22). A Primeira Carta de Pedro (5,12) fala de Silvano como “irmão fiel”, indicado como redator do texto, o que faz com que grande parte dos autores atribua a ele também a redação de 1Ts.

2. Autores como Schürmann (1969, p. 25) e Ferreira (1991, p. 23) afirmam que uma carta com três testemunhas estaria conforme com a legislação deuteronomista, que credenciava uma verdade defendida por três pessoas (Dt 19,15).

3. Em Atos dos Apóstolos é chamado de “Silas” (At 15,22.27.32.34.40; 16,19.25.29; 17,4.10.14.15; 18,5).

No início das cartas de 2Coríntios, Filipenses, Colossenses e Filêmon, somente Timóteo é relacionado junto a Paulo como coautor da correspondência. Aqui em 1Ts, Silvano aparece e ocupa um lugar especial, antecedendo Timóteo na listagem dos remetentes, o que indica maior destaque para os tessalonicenses. Provavelmente, porque Timóteo visitou a comunidade como embaixador, mas não participou de sua fundação, é listado depois de Silvano.

Timóteo é o grande amigo de Paulo. Foi recrutado na segunda viagem missionária (At 16,1-3), na cidade de Listra ou Derbe, na Ásia Menor. Sintetizava em sua descendência dois mundos: sua mãe hebraica e seu pai pagão (At 16,1) constituíram um interessante personagem, que logo foi visto com carinho por Paulo, tornando-se seu discípulo predileto. Mais que um seguidor, foi companheiro nas missões evangelizadoras (At 17,14ss; 18,5; 19,22; 20,4), muitas vezes enviado por Paulo para as comunidades como seu porta-voz (1Ts 3,2-6; 1Cor 4,17; 16,10; Fl 2,19-20).

Com poucas capacidades de liderança, acima de tudo, Timóteo foi um amigo fiel de Paulo, do qual o evangelizador dos gentios não consegue falar sem um tom afetivo ou de elogio (Fl 2,20) e com o qual formou uma amizade profunda (O'CONNOR, 2007, p. 76). No epistolário paulino, aparece com diferentes funções: como coautor de cartas (2Cor 1,1; Fl 1,1; Cl 1,1; Fm 1), como colaborador (Rm 16,21), como enviado (1Cor 4,17; 16,10; Fl 2,19) e, finalmente, como destinatário de duas cartas (1-2Tm).

A primeira carta de Paulo não carrega o destaque individualista para o fundador da comunidade. Quer valorizar aqueles que deram sua vida pela causa do Evangelho em Tessalônica e, sobretudo, construíram relação com os novos membros da família cristã que se espalhava pelo mundo. A dimensão colegiada e comunitária que aparecerá no cabeçalho de outras cartas (1Cor 1,1; 2Cor 1,1; Gl 1,1; Fl 1,1; Cl 1,1; 2Ts) reflete o ideário de Paulo com relação às novas comunidades e deixa entrever sua concepção de cristianismo, que não pode estar a serviço do interesse de uma pessoa ou um grupo em detrimento de outros.

A cidade de Tessalônica, fundada quatro séculos antes de Cristo, era a capital da província da Macedônia e sua administração era guiada de perto pelos grandes interesses do Império Romano. Era uma via de mão dupla, já que o reconhecimento da cidade feito pelos benfeitores também exigia que eles fossem honrados popularmente, colocados ao lado dos deuses e dando um *status* divino a Roma (DONFRIED, 2004, p. 215). A política religiosa da cidade, de certa forma, exigia que os cidadãos reconhecessem a soberania divina de Roma e que assimilassem em sua cultura religiosa práticas alheias à sua própria história.

É fácil compreender como essa dimensão colegiada e fraterna da fé expressa por Paulo vai ao encontro dos valores apresentados pelo império em Tessalônica. Não é possível fazer grandes alterações nas políticas públicas que regem a religião. Não se pode combater o templo ali construído a César no reinado de Augusto ou impedir que a população o trate como filho de Deus, assim como pedia

a rubrica do culto ao imperador. Contudo, dentro da comunidade cristã, não havia espaço para um expoente evangelizador exclusivista, que trocasse seu trabalho e sua doação humana por uma divinização de sua pessoa. É um dos indícios de que uma sociedade alternativa se formava no seio do cristianismo tessalonicense, que trazia, na vida íntima da comunidade, a fraternidade como grande caminho para viver na sociedade dominada pelo modo de vida romano.

1.2 *A ekklesia como forma de vida alternativa ao modelo social vigente*

A comunidade cristã reunida em Tessalônica é designada com um termo que não vem do vocabulário religioso: *ekklesia*. Tratava-se de uma instituição política pública no mundo grego, relacionada à assembleia do povo, que tinha como função decidir o que concernia ao bem comum, de caráter legislativo (BARBAGLIO, 1989, p. 75). Ela reunia todos os cidadãos com o direito de cidadania, que decidiam sobre leis e medidas administrativas e contava com louvores, aclamações, discussão de interesse comum (HORSLEY, 2004, p. 207).

O termo *ekklesia* aparece com frequência na Septuaginta (LXX), ganhando um sentido essencialmente religioso. Traduz o termo hebraico *qahal YHWH*, geralmente designando a assembleia do povo de Deus reunida para algum grande momento na história da salvação⁴. “*Qahal YHWH*” marca a convocação oficial do povo de Deus em momentos importantes, de grande decisão, como na ocasião da doação das leis (Dt 4,9-13) no Horeb ou na leitura pública da lei na volta do exílio da Babilônia (Ne 8,1-12). Também define o povo de Deus como comunidade reunida a partir da aliança e em torno do culto a Deus (Dt 23,2-4.9).

Portanto, quando *ekklesia* chega no Novo Testamento, resgata a dimensão comunitária que nasce do chamado de Deus. Isso era verdadeiro para Paulo, que conhecia bem a LXX, mas é pouco provável que a Igreja de Tessalônica, formada por convertidos do paganismo, era capaz de compreender o significado teológico do vocábulo. A origem gentílica dos tessalonicenses limitava o uso de termos típicos do judaísmo na Carta. Os semitismos, comuns nos escritos paulinos, são pouco usados em 1Ts, já que dificilmente compreenderiam as ricas conotações teológicas de alguns termos utilizados pela LXX (BOSCH, 2002, p. 103; COLLINS, 2011, p. 411)⁵.

Desse modo, chamar a comunidade cristã em Tessalônica de *ekklesia* revela muito mais sobre Paulo do que sobre seus destinatários. Em primeiro lugar, a opção pelo termo tem uma função política no reconhecimento público dos cris-

4. O hebraico tem duas palavras para indicar a comunidade: *'edah* e *qahal*. A primeira sempre é traduzida na LXX por *synagógé*. *Qahal* depende de *qol*, “voz”, dando a dimensão de uma convocação oficial da assembleia. *Ekklesia* mantém a mesma semântica, à medida que deriva de *kaleo*, “exortar” (TRIMAILLE, 1986, p. 21).

5. Contudo, a linguagem paulina não abre mão de termos caros para o mundo judaico e cristão, que reclamam o seu sentido da LXX, como “igreja”, “evangelho”, “Cristo”, “senhor”.

tãos como sendo diferentes dos judeus. Outro termo que designa a comunidade na LXX, *synagogé*, também é usado para caracterizar as sinagogas, marcantes instituições judaicas pós-exílicas. O NT, com exceção de Tg 2,2, recusa este termo para as comunidades cristãs, sempre chamadas de *ekklesia*, garantindo a elas uma identidade diferente das reuniões judaicas.

Em segundo lugar, ao caracterizar o destinatário como “igreja dos tessalonicenses”, Paulo vê uma identidade de continuidade com o Antigo Testamento. É a iniciativa de Deus que encontra um campo fértil no coração dos que Ele escolheu, congregando-os em um grupo com uma nova forma de relacionar-se, como uma expressão da própria relação entre Deus e os homens.

Isso reflete as mais profundas concepções paulinas sobre a natureza desta nova família reunida ao redor de Cristo. Deus se encarnou em Jesus, convocando, em Jerusalém, aqueles que dariam seguimento ao projeto do Reino, sua Igreja. Contudo, também Paulo ouve o chamado para reunir o povo de Deus disperso pelo mundo pagão, para que eles também escutem a voz divina que os convida a congregar-se. Dessa forma, em todos os lugares onde o Evangelho fosse anunciado, a Igreja estaria presente. “Atente-se bem: não porção ou parte da Igreja, mas simplesmente Igreja nascida no meio da população tessalonicense, porque a comunidade dos convertidos à fé cristã apresentava em tudo a realidade significada pela palavra *ekklesia*” (BARBAGLIO, 1989, p. 74).

Em terceiro lugar, a dominação romana da época fundamentava uma sociedade classicista e discricionária, na qual os cristãos estavam subjugados aos romanos e aos judeus. O espírito da *pax romana* era o do controle pelo medo, que, longe de dar autonomia para as classes mais pobres, desejava a passividade dos dominados e a submissão absoluta a Roma. Somente o império deveria ser capaz de garantir a paz, por meio do grande enviado de Deus, verdadeiro autorizado, o imperador.

No espírito dessa falsa democracia, que legitimava o interesse das classes dominantes, está a formação de um novo grupo social, refletido na comunidade cristã de Tessalônica. Ela não é convocada pela voz do imperador, para seguir o modelo de vida romano. Pelo contrário, é convocada pelo verdadeiro Deus e proposta como uma assembleia de novas relações. Elas rompem com a dimensão individualista enquanto “reunião” e superam a dimensão horizontal da relação com o outro enquanto chamado do Outro (FAUSTI, 2000, p. 25).

1.3 A liberdade de reconhecer Jesus como Kyrios

Como os gentios convertidos dificilmente compreenderiam o que significava serem “assembleia”, “igreja”, Paulo dá uma explicação da implicação do termo ao associá-lo à expressão “em Deus Pai e no Senhor Jesus Cristo”. Na

afirmação, não são os remetentes da Carta que estão associados a Deus e sim a comunidade de Tessalônica⁶.

Ser reunidos *em* Deus Pai e em Jesus, implica verdadeira comunhão. Paulo mostra que não está falando das assembleias pagãs ou das reuniões judaicas (COLLINS, 2011, p. 411), mas da Igreja que se reúne em torno de uma experiência que transforma a vida e dá para aqueles pobres trabalhadores uma valorização nunca alcançada pelo modelo romano ou judaico de governo e de religião. A comunidade é pequena em tamanho, mas grande em dignidade, porque se reúne *em* Deus. Trimaillé (1986, p. 24) nota que a expressão *em* não tem o sentido de simples união. Mais que isso, estabelece entre a Igreja de Tessalônica e Deus – Pai e Filho – uma relação causal: um é consequência do outro. Deus é quem convoca a assembleia e dá a ela o sentido que garante sua existência.

Deus Pai é o princípio de onde vem a comunhão com os cristãos. É a forma privilegiada com que Cristo invoca a Deus (Mc 14,36), ensinando-nos o caminho da filiação como a verdadeira forma de viver. Paulo, ao manifestar seu sentimento filial com relação a Deus, mostra que a igreja dos tessalonicenses havia recebido com o coração a proposta de Jesus.

Paulo funda a comunidade e a anima. Mas a pregação do verdadeiro apóstolo, mesmo um fundador de comunidades, pende para a pessoa de Jesus (FAUSTI, 2000, p. 23). A existência da igreja dos pobres tessalonicenses acontece em Jesus, que é chamado de *Kyrios*, um título específico do imperador. É tão importante, que aparecerá outras 17 vezes na Carta (1,1.3.6.8; 2,15.19; 3,11.12.13; 4,1.2.6.15a.b.17; 5,9.27.28). O imperador Otaviano (29 a.C.-14 d.C.) foi o primeiro a ser chamado de *divus* (deus), exigindo que a ele se prestasse culto. O uso tão frequente de *Kyrios* para definir Jesus indica uma relativização do imperador, uma demitização do falso *Kyrios*, César Cláudio e uma absolutização do verdadeiro *Kyrios*, Jesus. A palavra, para os tessalonicenses, tomou um sentido libertário: Cristo é o único Senhor e mais ninguém (FERREIRA, 1991, p. 50).

A saudação feita com “graça e paz” era certamente um reflexo litúrgico e soaria, portanto, como bênção, especialmente importante na leitura pública, feita com a comunidade reunida (MANINI, 2012, p. 10). A “graça” (*cháris*) indica beleza, favor, gratuidade, amor. A paz (*eirene*) é uma saudação típica do mundo judaico e que traduz o *shalom*. Esta paz está ligada à era messiânica e leva à igualdade, não à diferença de classes. Toda a humanidade é reunida no Messias. O desejo da paz soa como um contraponto ao poder imperial romano. “É outra crítica e relativização da tão decantada *pax romana*, que é mentirosa, discricionária e classicista. A paz de Jesus é verdadeira e igualitária. A *ekklesia* deve fazer a

6. Manini (2012, p. 27), alicerçado em variantes que aparecem em outros manuscritos e a partir do cabeçalho ampliado de 2Cor 1,1-2, prefere: “Paulo, Silvano e Timóteo, à Igreja dos tessalonicenses. [Desejamos a vós] a graça da paz em Deus Pai e no Senhor Jesus Cristo”. Mas grande parte dos autores optam pela concordância de “em” com a “Igreja dos tessalonicenses” (p. ex.: FAUSTI, 2000, p. 21).

opção ou pela *pax romana* que leva à morte, *ou pela paz de Jesus* que leva à vida” (FERREIRA, 1991, p. 24, grifo do autor).

2. Os princípios da vida fraterna: fé, esperança e caridade (v. 2-3)

- v. 2 *Damos sempre graças a Deus por todos vós, fazendo continuamente memória de vós em nossas orações,*
- v. 3 *recordando diante de Deus, nosso Pai, vossa fé operante, vossa caridade laboriosa e vossa esperança constante no Senhor nosso Jesus Cristo,*

O texto continua com uma oração de ação de graças, típica do epistolário paulino. De fato, a gratidão é o sentimento que pode ser expresso diante do êxito na evangelização, dirigida ao Pai, que está na base de toda ação apostólica, como um reconhecimento da iniciativa salvífica de Deus e de sua ação eficaz (BARBAGLIO, 1989, p. 77). Um detalhe formal chama a atenção: Paulo não fala sozinho, mas assimila os outros dois remetentes no ambiente de oração inicial, característica que se manterá na Carta (o que somente acontece em 2Coríntios). Em geral, mesmo quando a Carta apresenta mais de um autor, o singular é usado, com exceções aqui, em 2Ts 1,3 e Cl 1,3, somente (FEE, 2009, p. 58). O coletivo permanece como uma marca para a Igreja de Tessalônica.

Como já explicamos, a comunidade de Tessalônica encontra em Paulo uma forma de vida alternativa, que permite viver o Reino de Deus em meio às políticas imperiais. Essa opção implica a fraternidade como base das relações e o início da carta também assenta as bases sobre as quais a fraternidade pode ser alcançada. A descrição da oração feita por Paulo resgata da memória do apóstolo a marca que define a prática da comunidade: as três virtudes chamadas por nós de teológicas. A tríade fé – esperança – caridade é a referência fundamental que define a vida cristã para a Igreja primitiva, bem assimilada por Paulo e continuamente manifesta em suas cartas. Mais do que meramente reproduzir a catequese primitiva, Paulo qualifica a tríade de virtudes, manifestando seu ideário de comunidade cristã:

A fé operante: a fé é a apropriação da salvação dada por Deus, feita com a assimilação consciente da obra do Senhor em favor dos seres humanos. Porém, não pode ser feita como atitude exclusivamente interior, contemplativa. Deve operar nas pessoas o movimento do interior para o exterior, encaixando o ser humano no plano de salvação dado por Deus. De fato, os tessalonicenses acreditavam na morte e ressurreição de Jesus (4,14) e, assim motivados, abandonaram os ídolos para servir ao Deus verdadeiro (1,9).

A caridade laboriosa: o amor que une a comunidade não é um jargão de afetividade dramática. Trata-se do amor como imagem do próprio Cristo, não entoado, mas praticado. Em uma comunidade de pobres que lutavam por sustento e sobrevivência, o vínculo comunitário exigia implicação concreta.

Esperança constante: é um tema tipicamente paulino, que aparece 36 vezes nas cartas (TRIMAILLE, 1986, p. 28). Diante das perseguições judaicas e da forma de vida imposta por Roma, a comunidade dos tessalonicenses descobre na vitória de Cristo sobre a morte e na sua segunda vinda o grande motivo que dá sentido à luta cotidiana. Por isso, diante da fé que opera e gera caridade, a esperança não é sentimental, não vai e volta. É atitude constante, que não se prende no futuro, mas transforma o presente, mesmo diante das provações. Na esperança, a comunidade participa da construção de um novo amanhã.

3. Os vínculos de fraternidade como base para a transformação social (v. 4-5)

v. 4 *sabendo, irmãos amados por Deus, qual é vosso chamado.*

v. 5 *Porque nosso Evangelho não chegou a vós somente em palavra, mas também com poder, no Espírito Santo, e pleno de convicção, conforme sabeis que estivemos entre vós por causa de vós.*

Paulo segue apresentando os traços da Igreja de Tessalônica. Politicamente, os irmãos estão organizados em uma assembleia, a *ekklesia*. Isso é particularmente importante porque, ao assumir que a Igreja de Tessalônica era formada por uma maioria bastante pobre, também devemos considerar que a participação dessa parcela do povo nas estruturas políticas era ínfima. Não se sentiam representados por nenhum conselho ou instituição. Agora, os chamados por Deus são igreja.

A vida dessa nova comunidade não é guiada exclusivamente pelas decisões legislativas que baixam por decreto romano. A prática das virtudes constrói uma nova forma de olhar para o outro. Enraizar-se em Deus e na experiência com Jesus cria fraternidade, o que permite que Paulo chame os tessalonicenses de “irmãos amados”.

Não é somente uma forma afetuosa de dirigir-se aos membros da igreja. Paulo insiste no termo mais 18 vezes (1,4; 2,1.9.14.17; 3,2.7; 4,1.6.10a.10b.13; 5,1.4.12.14.25.26.27) (FERREIRA, 1991, p. 25), já que a fraternidade representa o vínculo humano vivido pelos tessalonicenses e paradigmático para a comunidade cristã. A nova organização política assumia uma forma nobre e bela, já que tinha como origem o sentimento de pertença filial a Deus, além de uma entrega fraterna ao outro.

Na estrutura social e política de Tessalônica, o grupo pobre dos cristãos estava excluído dos espaços nucleares e dos centros de decisão. Os pequenos trabalhadores, à luz do culto do imperador e à sombra da proteção oferecida pela *pax romana*, não se encaixavam na religião patriótica (FERREIRA, 1991, p. 22). Esta era operacionalizada pelas classes dominantes e fechava as portas para a participação dos que não estavam ao lado dos colonialistas.

A organização dessa fraternidade dos “irmãos amados por Deus” coloca os pequenos no centro, como resistência ao eclipse dos marginalizados em Tes-

salônica. Essa forma de vida fraterna constitui um princípio fundamental de libertação, uma vez que zela pelo direito e justiça divinos, os quais defendem a dignidade de todos na vida pública. A teologia paulina, mais uma vez, resgata sua dignidade ao afirmar que são chamados, ou melhor, “eleitos”. Israel é classicamente o povo eleito por Deus, mas a teologia paulina estende a eleição para aquele que se assimila a ela pela fé em Cristo.

A eleição é um definidor da eclesiologia paulina e está intimamente vinculada à escatologia. No horizonte da ideia da eleição está a expectativa da vinda iminente de Cristo, a *parusia* iminente, que será desenvolvida em outras seções da 1Ts. Aquele que se sente eleito e, conseqüentemente, salvo, imediatamente entra na dimensão da fundamental esperança escatológica. “As duas noções estão imediatamente vinculadas: a eleição nomeia a realidade da salvação presente entre os tessalonicenses, a *parusia* de Cristo sua esperança fundamental” (SCHNELLE, 2014, p. 215).

Assim, ao estender a existência para uma dimensão além da terrestre, os tessalonicenses podem entender-se como Igreja de Deus, vocacionada como escolha escatológica da graça de Deus. “Dessa maneira, Deus é a origem e o sujeito de todo o acontecimento salvífico, e isto realça o primado da teologia na Carta mais antiga de Paulo” (SCHNELLE, 2014, p. 215).

4. A força transformadora da comunidade (v. 6-8)

- v. 6 *E vós vos tornastes nossos imitadores, como também do Senhor; tendo recebido a Palavra entre muitas aflições, mas com a alegria do Espírito Santo,*
- v. 7 *de modo a tornar-vos modelo para todos aqueles que creem, tanto na Macedônia como na Acaia.*
- v. 8 *Porque, partindo de vós, a Palavra do Senhor não só ressoou na Macedônia e na Acaia, mas a todo lugar vossa fé diante de Deus tem chegado, de modo que já não há mais necessidade de que falemos disso.*

A palavra de Paulo foi pregada com o poder do Espírito Santo, o que garantiu o sucesso do Evangelho. Paulo insiste na oposição entre a “simples palavra” e a palavra que é desdobramento da ação do Espírito (1Cor 4,20), que é um dos fundamentos da pneumatologia paulina. É também pelo Espírito Santo, que o anúncio do Evangelho se desdobrará como testemunho tessalonicense diante dos outros gentios (1Ts 1,6-9a). De fato, os tessalonicenses reconhecem uma palavra diferente da dos homens (1Ts 2,13).

Uma primeira característica que segue a escuta da Palavra feita no Espírito é a participação nas perseguições. A imitação no sofrimento é um elemento central da apocalíptica judaica, que insiste no sofrimento dos justos no tempo escatológico (Sl 33,20; 36,39; Dn 12,1; Hb 3,16; Sf 1,15; 1QM 1,1s; 1QH 2,6-12; 4Esd 7,89; BrSir 15,7s; 48,50) (SCHNELLE, 2014, p. 216).

De fato, a igreja dos tessalonicenses não imita os apóstolos no sofrimento por uma decisão objetiva. O sofrimento é cunhado como marca daquele que faz opção por Cristo, já que o próprio Cristo assimilou na sua missão o sofrimento. Por isso, a imitação de Tessalônica está ligada nos v. 5-6 à Palavra, proclamada por Paulo, mas antes vivida por ele “pleno de convicção”, e tem como resultado natural a perseguição. “Exprimindo-se assim, Paulo coloca os tessalonicenses na corrente de um processo histórico. Eles não são os primeiros: antes deles, houve o Senhor, os apóstolos e as igrejas da Judeia” (TRIMAILLE, 1986, p. 37).

Rossi (2018, p. 148) indica que a pregação de Paulo em uma cidade imperial como Tessalônica ia gerar, inevitavelmente, “problemas imperiais”. A mensagem de Cristo torna-se subversiva na igreja dos tessalonicenses, porque os pobres podiam entender que a mensagem do Evangelho era para eles. Não havia mais mediadores políticos para chegar-se a Deus. Segundo Silva (2017, p. 43), a radicalidade com que viviam o Evangelho, que se desdobrava em um trabalho bem-feito, em uma vida fraterna e cheia de fé, começava a abalar as bases do sistema opressor. “As reações não se fizeram esperar. A Carta testemunha o clima de sofrimentos que passaram a atingir aquela igreja. A linguagem da tribulação é altamente significativa, nesse sentido” (SILVA, 2017, p. 43).

Além do mais, os tessalonicenses estavam tornando-se modelos para outras Igrejas. Um grupo pequeno de seguidores fiéis começava a ser olhado pelo império, uma vez que se tornavam catalizadores na região (FERREIRA, 1991, p. 25). De fato, Atos dos Apóstolos, 30 anos depois, vai salvaguardar a força revolucionária da comunidade (At 17,1-9).

5. A esperança na vinda de Cristo promove a vida dos pobres (v. 9-10)

- v. 9 *De fato, conta-se a vosso respeito qual não foi a receptividade que tivemos junto de vós, e de como vos voltastes dos ídolos para Deus, para servir o Deus vivo e verdadeiro,*
 v. 10 *e para aguardar dos céus o seu Filho, a quem ressuscitou dos mortos, Jesus, aquele que nos livra da ira que está por vir.*

Os v. 9 e 10 formam um compêndio da vida e da fé cristãs, apresentando o argumento principal do querigma primitivo: a natureza divina de Jesus, sua dignidade como *Kyrios*, sua ressurreição e sua nova vinda (ZEDDA, 1965, p. 89). Trata-se de um antigo sumário da pregação missionária cristã-primitiva (PESCE, 1996, p. 63)⁷. Barbaglio (1989, p. 81) mostra como a fé em Cristo ressuscitado é conectada à esperança em sua *parusia* futura de libertador e salvador, uma

7. Schnelle (2014, p. 212) defende que o destaque para esta seção pode ser bem verificado em uma análise linguística, que destaca o uso de três *hápax paulinos* e de recursos de linguagem incomuns a Paulo. Uma exposição mais ampla é oferecida por Pesce (1996).

expressão muito antiga da fé cristã que será superada em pouco tempo. Paulo estenderia as expectativas apocalíptico-escatológicas do mundo judaico, ressignificadas pelo cristianismo, também aos tessalonicenses.

Para Ferreira (1991, p. 58-59), aqui está também um conflito ideológico entre o cristianismo e a dominação imperial. Em boas partes, isso teria acontecido a partir da assimilação do culto do deus Cabirus no culto oficial da elite, feita no tempo de Augusto. O'Connor (2007, p. 94-95) narra que a lenda de Cabirus contava a história de um jovem assassinado por seus irmãos e que deveria voltar, vencendo a morte, para ajudar os pobres e a cidade de Tessalônica. Seu símbolo era o martelo, sendo procurado pelos trabalhadores manuais em busca de bênção, com grande apelo popular.

Assim, a exclusão dos trabalhadores do povo, além de mascarada em uma falsa democracia, que atingia o mundo político, social e econômico, havia chegado também no campo religioso. O deus dos pequenos havia mudado de lado e devia passar a atender os ricos. Naturalmente, a pregação de Paulo, insistindo em um Deus jovem que havia vivido com os moribundos, vencido a morte e ressuscitado, logo atingiu as classes mais baixas de Tessalônica. As autoridades municipais devem ter visto rapidamente o poder aglutinador dessa mensagem e o risco de sua assimilação inflamar uma ação revolucionária (O'CONNOR, 2007, p. 95).

A situação se torna ainda mais crítica para as classes dirigentes, uma vez que o “Deus vivo e verdadeiro” de Paulo contém elementos típicos da propaganda helenístico-judaica, que pedem para os homens se converterem ao verdadeiro culto do “Deus vivo e verdadeiro” (KOESTER, 2004, p. 161).

A ameaça era evidente para o culto cívico, manipulado pelas elites, que controlavam as massas a partir do medo da morte e do castigo dos deuses. Para ser salvo, o indivíduo precisaria estar amparado pelo *Kyrios*, entendido como o imperador (FERREIRA, 1991, p. 25). A mensagem cristã, mesmo depois da partida de Paulo, em ritmo de fuga, floresce na comunidade de Tessalônica. Propõe um novo *Kyrios*, dá dignidade para as classes humildes, restaura a vida religiosa delas, descaracteriza o imperador, ensina contra o politeísmo. Em última instância, leva à vida, porque dá esperança de um novo tempo, por meio da participação aqui e agora, por meio da fé, esperança e caridade, do “dia” de julgamento de Deus. A dignidade futura é experimentada no presente (KOESTER, 2004, p. 168).

Considerações finais: na esperança em Cristo, a resistência ao mundo

O início da Primeira Carta aos Tessalonicenses dá um testemunho privilegiado do nascimento e consolidação de uma comunidade cristã. Mostra a luta para que um grupo pequeno e pobre, excluído da vida social e religiosa, encontre esperança que dê à vida uma nova orientação.

Estudamos 1Ts 1,1-10 como um harmonioso acorde, que dá à canção entoada em 1Ts o tom de ação de graças. Fausti (2000, p. 22) sublinha essa dimensão

eucarística (*eukharistia*: “ação de graças”) no início da Carta e mostra como ela deve marcar a atitude do cristão, especialmente em meio às dificuldades. Com uma nova atitude diante do sofrimento, a existência passa a ser vivida relativizando as dificuldades do mundo presente à glória do Reino escatológico.

Mais ainda, o amor da comunidade é a grande alternativa para que os bens futuros não sejam somente promessa que gera esperança, mas vida que acontece e transforma realidades. A fé, esperança e caridade, à medida que são a resposta do homem que se encontra com a salvação em Jesus, fazem-no penetrar no sentido da criação, que não marca a espera passiva pelo que vem, mas a alegria contagiante de confundir presente e futuro, sendo sinal concreto de Cristo para os que mais sofrem.

De fato, os tessalonicenses ganham a consciência de serem Igreja escolhida e ensinada por Deus a amar mutuamente (1Ts 4,9). Essa nova forma de relações é uma ameaçadora mensagem de resistência aos valores do império. Rompe com o conformismo que aceita passivamente as estruturas que levam à morte. Ensina a vigorosa libertação dos ídolos, feita com a base em um cristianismo que transborda em novas relações e ações, que se espalham com a *dynamis* do Espírito, não em forma de discurso bem elaborado, mas de testemunho bem vivido, que contagia e constrói um novo futuro.

O exemplo da comunidade dos tessalonicenses pode iluminar as comunidades de hoje na sua atuação na sociedade visando construir políticas públicas, como propõe a Campanha da Fraternidade deste ano de 2019. A leitura da carta nos convoca a resistir diante dos projetos elaborados “lá de cima”, que beneficiam as elites, e construir uma sociedade “a partir de baixo”, recuperando os valores fraternos, onde todos possam viver como irmãos. A Conferência Episcopal dos Bispos do Brasil insiste nessa força comunitária de transformação:

A convivência, o Reino de Deus, um novo modelo de sociedade, diferente do neoliberal dominante, inclui mudanças radicais na concepção do trabalho e do lazer, da educação e da cultura, dos impostos e das responsabilidades sociais dos cidadãos. Uma nova sociedade não acontece por meio de leis e decretos, mas com a participação de todas as pessoas (CNBB, 2019, p. 99, n. 262).

Pelo seu novo modo de viver, tão diferente das propostas imperiais, a comunidade de Tessalônica sofreu perseguições e perseverou. Diante dos modelos opressores, hoje torna-se necessário propor e construir modelos diferentes de organizar a sociedade e de lutar por cidadania e pelos direitos básicos da população. Isso pode comportar riscos, perseguições, porém a vivência da fé, a esperança e a caridade darão forças para poder resistir e testemunhar que é possível lutar pelo bem comum, sobretudo, em benefício dos pobres e marginalizados.

*Fabrizio Zandonadi Catenassi
Ildo Perondi*

Referências

- BARBAGLIO, G. *As cartas de Paulo (II)*. São Paulo: Loyola, 1989.
- BOSCH, J.S. *Escritos Paulinos*. São Paulo: Ave-Maria, 2002.
- CATENASSI, F.Z. 1 Tessalonicenses 1,1-10: fé, esperança, caridade... e resistência. In: ROSSI, L.A.S. (org.). *1 Tessalonicenses: fé, esperança, amor e resistência*. São Paulo: Paulinas, 2017, p. 29-50.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Campanha da fraternidade 2019*. Texto-base. Brasília: CNBB, 2019.
- COLLINS, R.F. A Primeira Carta aos Tessalonicenses. In: BROWN, R.E. et al. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo*. Novo Testamento e artigos sistemáticos. São Paulo: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011, p. 407-420.
- DONFRIED, K.P. Os cultos imperiais de Tessalônica e o conflito político em 1 Tessalonicenses. In: HORSLEY, R.A. (org.). *Paulo e o império: religião e poder na sociedade imperial romana*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 213-220.
- FAUSTI, S. *La fine del tempo: Prima lettera ai Tessalonesi*. Commentario spirituale. 2. ed. Casale Monferrato: Piemme, 2000.
- FEE, G.D. *The First and Second Epistles to the Thessalonians*. Grand Rapids: Eerdmans, 2009.
- FERREIRA, J.A. *Primeira Epístola aos Tessalonicenses: a Igreja como esperança dos oprimidos*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- HORSLEY, R.A. A construção de uma sociedade alternativa. Introdução. In: _____. (org.). *Paulo e o império: religião e poder na sociedade imperial romana*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 203-212.
- KOESTER, H. A ideologia imperial e a escatologia de Paulo em 1 Tessalonicenses. In: HORSLEY, R.A. *Paulo e o império: religião e poder na sociedade imperial romana*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 161-168.
- MANINI, F. *Lettere ai Tessalonesi: introduzione, traduzione e commento*. Milano: San Paolo, 2012.
- O'CONNOR, J.M. *Paulo de Tarso: história de um apóstolo*. São Paulo: Loyola, 2007.
- PESCE, M. *As duas fases da pregação de Paulo*. São Paulo: Loyola, 1996.
- ROSSI, L.A.S. O evangelho contraimperial de Paulo. In: FIGUEIREDO, T.J.A.; CATENASSI, F.Z. *Paulo: contexto e leituras*. São Paulo: Paulinas, 2018, p. 137-152.
- SCHNELLE, U. *Paulo: vida e pensamento*. São Paulo: Academia Cristã, 2014.
- SCHÜRMAN, H. *A primeira Epístola aos Tessalonicenses*. Petrópolis: Vozes, 1969.
- SILVA, V. Organização da carta e articulação teológica. In: PERONDI, I.; SILVA, V. ARTUSO, V. *Mês da Bíblia 2017: Para que n'Ele nossos povos tenham vida*. Primeira Carta aos Tessalonicenses. Texto-base. Brasília: CNBB, 2017, p. 32-34.
- TRIMAILLE, M. *A primeira Epístola aos Tessalonicenses*. São Paulo: Paulinas, 1986.
- ZEDDA, S. *Para leer a San Pablo*. Salamanca: Sígueme, 1965.